

O QUE TEMOS PARA HISTORICIZAR, DESTACAR E PROSPECTAR NOS 100 ANOS DE PAULO FREIRE?

SCOCUGLIA, Afonso Celso

RESUMO

Neste artigo investigamos a trajetória histórica de Paulo Freire por meio das ideias expressas nos seus principais livros. Para isso dividimos em blocos de escritos e argumentamos a impossibilidade de compreensão do seu legado prático-teórico se não procedermos uma leitura de totalidade da sua obra. Trata-se de uma obra de diversos enlaces, críticas e reconstruções expostas nos seus livros nucleares tais como Educação e atualidade brasileira, Educação como prática da liberdade, Pedagogia do oprimido, Ação cultural para liberdade e outros escritos, Conscientização, Educação e mudança, Cartas á Guiné-Bissau, A importância do ato de ler, Política e educação, Pedagogia da esperança – um reencontro com a Pedagogia do oprimido, Pedagogia da autonomia, entre outros. As investigações nos fazem concluir pela atualidade do seu legado construído na segunda metade do século XX e cujo eixo central concentra-se na inseparabilidade (prática e teórica) entre a educação e a política. Tal legado e a continuidade dele por pesquisadores de todo o mundo demonstram a relevância das suas propostas para a educação do século XXI.

Palavras-chaves: História das ideias de Paulo Freire. Legado freiriano. Educação e política. Educação no século XXI.

ABSTRACT

In this article we investigate Paulo Freire's historical trajectory through ideas expressed in his main books. For this, we divided into blocks of writings and argued the impossibility of understanding his practical-theoretical legacy if we do not proceed with a reading of the entirety of his work. It is a work of several links, criticisms and reconstructions exposed in its core books such as Educação e atualidade brasileira, Educação como prática da liberdade, Pedagogia do oprimido, Ação cultural para liberdade e outros escritos, Conscientização, Educação e mudança, Cartas á Guiné-Bissau, A importância do ato de ler, Política e educação,

Pedagogia da esperança – um reencontro com a Pedagogia do oprimido, Pedagogia da autonomia, among others. The investigations lead us to conclude by the actuality of its legacy built in the second half of the 20th century and whose central axis focuses on the inseparability (practical and theoretical) between education and politics. This legacy and its continuity by researchers from all over the world demonstrates the relevance of its proposals for 21st century education.

Keywords: History of Paulo Freire's ideas. Freirian legacy. Education and politics. Education in the 21st century.

1. VIDA E OBRA MARCADAS POR SEUS TERRITÓRIOS E SEUS TEMPOS HISTÓRICOS (1921-1997-2021)

No dia 19 de setembro de 2021 será celebrado o centenário de Paulo Freire. Este educador teve uma vida muito profícua em termos de produção intelectual, ao longo das várias etapas e várias práticas, em diferentes locais e circunstâncias. Podemos localizá-las no tempo - quanto aos seus escritos, livros, entrevistas, artigos, conferências, recebimento de numerosos títulos etc. -, da segunda metade dos anos 1950 até o seu falecimento em 1997. Sua produção escrita de ativista e militante da educação popular no Brasil tem início marcado como relator da equipe de Pernambuco no Encontro Nacional de Educação de Adultos, em 1958. Neste evento, Freire já defende algumas teses e, entre elas, uma principal que ficou como marca da sua pedagogia e da sua práxis educativa: a questão crucial do analfabetismo (e da educação) não é uma chaga ou uma doença, uma inferioridade, um demérito para as camadas populares ou algo desse tipo, mas, sim, trata-se de uma produção social, uma produção política e econômica, cultural. Ou seja, o analfabetismo brasileiro, filho da exclusão histórica e estrutural, tão vigoroso e tão marcante nos anos 1950/60 (e que continua na atualidade!), sempre foi produzido! Não é à toa que grande parte dos analfabetos (absolutos, funcionais, digitais etc.) de todos os tipos, hoje continuam a marcar e identificar o Brasil com a *cultura da exclusão*. Claro que é exclusão econômica, política, social, cultural, mas, é também marcada pelos nossos níveis educacionais/escolares baixíssimos. Alarma o fato de que, atualmente, mais de dois terços dos brasileiros com mais de 15 anos ainda sejam analfabetos funcionais, segundo o INAF (Índice Nacional de Alfabetismo Funcional), pesquisado pela Ação Educativa (www.acaoeducativa.org.br) e pelo Instituto Paulo Montenegro (www.ipm.org.br). Freire denuncia esse gravíssimo problema já nos anos 1950. Já estava preocupado com a educação de jovens e adultos ou, como recomenda atualmente a UNESCO, com a “educação ao longo de toda a vida”.

No geral, sua produção escrita (1958/1997), que tem como eixo principal a educação popular e, progressivamente, a inseparabilidade entre educação e política, continua a ser revelada em livros póstumos. Se registrarmos esse tempo, além dos 40 anos que nos referimos antes, teremos mais 20 anos de publicações. Assim, podemos contar *mais de 60 anos de escritos de Paulo Freire, somando as publicações póstumas!* A intensidade e o volume dessa trajetória intelectual é mostrada hoje,

por exemplo, no *Dicionário Paulo Freire* (4ª. edição, 2018) que caminha para os seus 300 verbetes, a partir dos trabalhos de mais 100 pesquisadores! Também pode ser mostrada por meio do amálgama teórico que Freire utilizou, retratada nas contribuições de dezenas de estudiosos em *Paulo Freire: uma arqueologia bibliográfica* (2019). Exposta em *Paulo Freire: uma bibliografia* (1996), continua a ser explorada, a exemplo do livro *The Wiley Handbook of Paulo Freire* (2019) construído por pesquisadores de várias partes do mundo.

Com efeito, isso faz com que o Paulo Freire seja considerado atualmente um dos educadores e um dos propositores da pedagogia mais importantes do século XX, sendo corroborado pelo grande número de citações a sua obra. Terceiro autor mais citado das ciências humanas/sociais! Estudado, entre tantas, em 20 das principais universidades do mundo¹. Sabemos que a sua obra *Pedagogia do oprimido* (1984b) é uma das 100 obras mais citadas em língua inglesa. Ademais, a trajetória Paulo Freire foi premiada com dezenas de títulos doutor *honoris causa* por importantes universidades! Sua obra é traduzida em vários idiomas. Está disseminada praticamente em todos os continentes e seu legado tem uma importância reconhecida globalmente.

2. ETAPAS DA VIDA/OBRA DE PAULO FREIRE

Como foi construída essa trajetória mais conhecida a partir dos anos 1940/1950? Antes de mais nada: a vida e a obra escrita não podem ser separadas em Paulo Freire.

A título didático, a vida mais produtiva e profícua de Freire pode ser dividida em três etapas principais, intimamente ligadas e complementares, mas, distintas. A primeira no Nordeste do Brasil, a partir de Recife/Pernambuco, e no Brasil como um todo até coordenar do Plano Nacional de Alfabetização (PNA) do governo João Goulart em 1963/1964. Essa primeira parte foi barrada pelo golpe militar de 1964 que interrompeu sua carreira nordestina/brasileira, prendeu, processou e o exilou. A segunda se inicia com o exílio forçado pela ditadura militar e durou mais de 16 anos! A terceira, depois do seu retorno no Brasil em 1979/80, vai até 1997.

São etapas diferentes! Reitero isso, inclusive, porque Freire sempre foi um homem do seu tempo e da sua circunstância histórica. Primou e reafirmou isso sempre! Não resta dúvida que suas ideias e sua produção escrita evidenciam mudanças significativas ao longo do tempo. Desde as primeiras teses da pós-graduação brasileira, 40 anos passados, estudos qualificados (a exemplo de Wagner Rossi, 1982, p.90-91) já apontavam:

¹ Paulo Freire é lido, estudado e pesquisado nas 20 melhores universidades do mundo. Ver em <https://medium.com/@azevedofonseca/paulo-freire-%C3%A9-estudado-nas-20-melhores-universidades-do-planeta-veja-como-conferir-18288f52d8be>

Um erro comum na análise do trabalho de Freire é exatamente ignorar-se a clara evolução das suas concepções, que começa por um idealismo moldado por sua vinculação ao pensamento católico moderno, chegando até seu crescimento em direção à abordagem dialética da realidade, que caracteriza seus últimos escritos. Se sua Educação como prática da liberdade é influenciada por concepções de Jaspers e Marcel no nível filosófico, a Pedagogia do oprimido já mostra uma clara aproximação da melhor tradição radical, de Marx e Engels aos modernos revolucionários (...) e de outras linhas de análise crítica contemporânea.

Freire escreve uma tese para o concurso da Universidade do Recife, em 1959, chamada *Educação e atualidade brasileira*, só publicada depois de muito tempo (Cortez Editora, 2001). Depois a *Revista de Estudos Universitários* da Universidade do Recife (junho de 1963) mostra as seis etapas do “Sistema Paulo Freire de Educação”. A seguir, temos *Educação com prática da liberdade* (1984a) que já é escrita e publicada fora do Brasil (no exílio), *Pedagogia do oprimido* (escrita em 1967/1968 e publicada em 1970) e uma sequência de escritos.

Os escritos iniciais constituem uma base alicerçada para o desenvolvimento posterior das suas ideias. Por isso tem relevância estratégica na compreensão do pensamento de Freire, mesmo que estejam longe de esgotá-lo ou constituam sua totalidade. Na tese universitária de 1959 critica a escola brasileira, uma escola movida pela pedagogia da crença, da resposta e não pela “pedagogia da pergunta” como ele defende. Critica a própria formulação da escola, o currículo e propõe mudanças. Dialoga com escritos de Anísio Teixeira e, por consequência, com a obra de John Dewey, captando as “metodologias ativas” que o balizarão pedagogicamente na educação popular.

Na *Revista Estudos Universitários* (Recife, 1963) citada, Paulo Freire, Jarbas Maciel e outros integrantes da equipe do Serviço de Extensão Cultural – Universidade do Recife (SEC-UR), apresentam um Sistema Educação. Tal Sistema propunha primeiro a alfabetização infantil, depois de alfabetização de adultos, seguido de um ciclo primário rápido (que foi desenvolvido pela CEPLAR², Campanha de Educação Popular, da Paraíba), sequenciado pelo secundário e universitário e, na quarta etapa, a Universidade Popular. A seguir, propunha a quinta etapa que seria a criação do Instituto das Ciências do Homem na Universidade do Recife e, ainda, uma sexta etapa priorizando a comunicação internacional com países da América Latina, do chamado terceiro mundo - como se dizia na época. A parte conhecida como Método Paulo Freire ganha dimensão nacional e Freire já coordenava o PNA quando os golpistas civis-militares tomam o poder e destituem João Goulart.

A partir do golpe militar de 1964 Freire é preso (taxado de “subversivo e comunista”) e sofre dois processos/inquéritos: um na Universidade do Recife e outro mais geral no IV Exército. Ao todo fica preso³ quase 80 dias no Exército e, em seguida, parte

2 Sobre a CEPLAR, ver nosso livro *Histórias inéditas da educação popular – do Sistema Paulo Freire aos IPMs da ditadura*. Cortez/IPF/EdUFPB, 2001.

3 Ver o livro de Clodomir Moraes (companheiro de Paulo Freire durante sua prisão e, depois, seu grande amigo): *Cenários da libertação – Paulo Freire na prisão, no exílio e na universidade*. Edufro, 2009

para o exílio. Será um exílio de 16 anos, primeiro na América Latina com maior tempo no Chile. No final dos anos 1960 recebe dois convites importantes: um da Universidade de Harvard e outro do Conselho Mundial das Igrejas. Permanece quase um ano em Harvard e, desde então, sua obra começa a ser difundida nos Estados Unidos. Depois passa praticamente dez anos como integrante destacado do Conselho Mundial das Igrejas (CMI) e este período tem importância ímpar para Freire⁴. Só pode voltar ao Brasil depois Anistia (1979) concedida pela ditadura. Vai trabalhar na PUC-SP (sob o “guarda-chuva” de Dom Evaristo Arns) e na Unicamp. Assessora movimentos sociais e prefeituras - inclusive como um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores. Torna-se Secretário de Educação da cidade de São Paulo no final dos anos 1980. Como sempre trabalha em equipe (característica permanente da sua trajetória) e, mais uma vez, tal contexto implica uma volumosa escrita circunstanciada pelas práticas realizadas.

Necessário destacar a *riqueza* e, ao mesmo tempo, as *dificuldades* dos leitores e dos estudiosos da obra de Freire. Primeiro: trata-se de uma obra composta por dezenas de livros, artigos, conferências, entrevistas etc. Reconhecida pelo mundo todo com uma das mais importantes da pedagogia e da educação. Outro aspecto é uma certa dificuldade de compreensão dos seus escritos fundantes precisamente porque Paulo Freire construiu um *pensamento complexo* (Morin, 1998) e plural que mistura múltiplas referências, além da sua originalidade. A leitura de um ou outro livro, isoladamente, não implica na clareza dessa complexidade (imprescindível, no caso de Freire) pois o autor entrelaça temas anteriores com novos temas e conceitos e isso exige do seu leitor uma visão de conjunto, de totalidade. Ou seja, é necessária (diria obrigatória!) uma leitura de totalidade⁵ e uma visão longitudinal, comparativa e reconstrutiva. Sua obra tem começo, meio e fim, tem uma sequência de complementaridade, embora nunca seja linear! Se o leitor se concentrar só na primeira parte dos seus escritos (como faz a maioria) vai faltar a sequência. Se concentrar só no final vai faltar o início e o meio. Na prática: por exemplo, se ficar só na *Pedagogia da Autonomia* (1996), não vai entender como é que ele chegou até essas ideias. Tal livro é uma decorrência da maturação de ideias que vem desde *Educação como prática da liberdade* e de *Pedagogia do oprimido*, entre outros, desde o início. E isso é absolutamente chave para entender Freire!

Por outro lado, quando lemos *Pedagogia do oprimido*, notamos que tem data marcada, tem um contexto marcado e se pode dizer que o livro não seria o mesmo se fosse escrito em outro momento histórico, em outro local. Já fez 50 anos⁶,

4 Ver o livro *Andarilho da esperança – Paulo Freire no CMI*, de Balduino Andreóla e Mário Ribeiro. Editora ASTE, 2005.

5 Ver o nosso livro *A história das ideias de Paulo Freire atual crise de paradigmas*, que tem prefácio de Moacir Gadotti. A 7ª. edição está disponível como e-book (texto completo) e “linkado” com 30 vídeos <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/view/138/56/548-1>.

6 Ver nosso artigo *Pedagogia do oprimido: um ícone aos 50 anos*. Revista Educação, Sociedade & Culturas No.56, 2020. <https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/Afonso%20Scocuglia.pdf>

com a circunstância latino-americana que o autor vivia. O fato dessa obra ter se tornado mundial não deve ignorar que ela foi escrita em um contexto histórico ímpar. E é claro que Freire não esgota seu pensamento-ação em *Pedagogia do oprimido!* E que não se compreende Freire só com *Pedagogia do oprimido!* Ou só com *Pedagogia da autonomia!* Ou só com *Cartas à Guiné-Bissau!* Todos são partes de uma trajetória entrelaçada em sua essência, pelas circunstâncias históricas da sua escrita e complexa pela sua construção.

Ademais, ao contrário da individualização de seus livros, como se fossem acabados e esgotados em si mesmos, sem demonstrar suas ligações íntimas, entrelaçadas e sequenciais (embora não-lineares), defendemos a ideia de melhor localizá-los enquanto **blocos de escritos**. A meu ver, podemos destacar pelo menos *cinco grandes blocos de escritos*, sempre pensando de forma didática.

3. OS BLOCOS DE ESCRITOS QUE CONSTRUÍRAM A OBRA DE PAULO FREIRE

Importante perceber que todos os livros, por mais relevantes que sejam em si mesmos, foram encarados pelo próprio autor como livros de transição! Como ele mesmo disse a *Pedagogia do oprimido* não seria a mesma sem *Educação como prática da liberdade* e *Educação e atualidade brasileira* que vieram antes. Em *Pedagogia da esperança – um reencontro com a pedagogia do oprimido* (1992), Freire é transparente:

A *Pedagogia do oprimido* não poderia ter sido gestada em mim só por causa de minha passagem pelo SESI (Serviço Social da Indústria, Recife, anos 1950), mas minha passagem pelo SESI foi fundamental. Diria até que indispensável à sua elaboração. Antes mesmo da *Pedagogia do oprimido*, a passagem pelo SESI tramou algo de que a *Pedagogia* foi uma espécie de alongamento necessário. Refiro-me à tese universitária que defendi na então Universidade do Recife, depois Federal de Pernambuco: *Educação e atualidade brasileira* que, no fundo, desdobrando-se em *Educação como prática da liberdade*, anuncia a *Pedagogia do oprimido*. (p.18-19)

Por sua vez, *Pedagogia do oprimido* é continuada em *Ação cultural para a liberdade e outros escritos* (1984c) e em *Educação e mudança* (1979). Desdobrada em *Conscientização* (1980a) e em *Extensão ou comunicação?* (1983). Podemos reunir tais livros como um bloco entrelaçado e complementar. Foram escritos entre os anos 1959/60 e 1970, aproximadamente, e podemos dizer que compõem o **primeiro bloco** da obra completa de Paulo Freire.

No Conselho Mundial das Igrejas (CMI), em Genebra (Suíça), a vida, o contexto, o trabalho e as oportunidades proporcionadas *nunca tinham existido antes!* A sua obra e o seu pensamento-ação ganham dimensão mundial e se reconstróem, por exemplo, na práxis da África com os integrantes do Instituto de Ação Cultural (IDAC). Não está mais em Recife ou em Santiago do Chile! O contexto e as circunstâncias são outras! Na África, a leitura de Amílcar Cabral e a proximidade com as ideias de

Gramsci, entre outros, alteram seus focos e seus escritos. Acompanhar a estadia de 10 anos no CMI é uma das chaves mestras para entender a sua obra. De novo: não é um contexto qualquer! Nesse momento tem condições de produzir mais, de pensar e repensar o momento de turbulência (prisão, primeira fase do exílio etc.) antes e depois do golpe militar no Brasil. Segundo Freire, o respaldo do Conselho Mundial das Igrejas é a algo inédito para ele que fez, inclusive, segundo seu grande amigo Clodomir Moraes (no livro antes citado), seminários no Vaticano para o *staff* do Papa Paulo VI, entre outras atividades. Nunca tivera tanto apoio e liberdade para produzir.

A partir da África, década de 1970, por conta do CMI e do trabalho com o IDAC (coordenado por ele), vai se desenvolver um outro lado da sua obra. E posso marcá-la como um **segundo bloco**, os *escritos africanos*. Com destaque para vários livros: o principal será *Cartas a Guiné-Bissau – Registros de uma experiência em processo* (1980b), no qual ele se comunica com os educadores locais e faz disso um conjunto não de registros de propostas, mas, também, uma revisão sobre o que tinha vivenciado no Brasil quanto à metodologia da alfabetização e seus respaldos teóricos. Podemos anotar também a relevância dessa experimentação no livro organizado pelo Carlos Rodrigues Brandão: *A questão política da educação popular* (1980) que tem uma parte do Paulo Freire. Destacamos *A importância do ato de ler* (1982a) e *A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe* (2003a). E, ainda, *Vivendo e aprendendo* (com o IDAC, 1980c) e *Aprendendo com a própria história* (vol. I e II, 1984d), com Sérgio Guimarães. Assim, nesse segundo bloco, suas reflexões ganham novos contornos, revisitando sua proposta inicial de alfabetização e de educação popular contida a partir do “Método Paulo Freire”, ou seja, no que chamamos de primeiro bloco de escritos.

No *primeiro bloco* de escritos temos que destacar uma mistura de ideias personalistas e existencialistas e depois um entrelaçamento disso com o marxismo (a partir de Hegel e do “jovem” Marx) que se pensava na América Latina e também com a Teologia da libertação. Esse amálgama teórico produz o respaldo que embasa sua proposta original de pedagogia e educação popular.

No *segundo bloco*, quando lemos *Cartas a Guiné-Bissau* e comparamos, por exemplo, com *Educação como prática da Liberdade* (que tinha a formulação do Método Paulo Freire), ou a *Pedagogia do oprimido*, notamos uma progressão das ideias. A progressão dentro do marxismo é notória em direção das ideias revolucionárias de Amílcar Cabral, calcadas inclusive em Gramsci. Um marxismo que ele chama de interestrutural, isto é, enlaces de ideias da infraestrutura (da economia, das relações de trabalho) com a cultura, a educação, a política, a ideologia.

Outro bloco de escritos (**terceiro**) é composto pelos chamados “livros dialógicos”, momento na obra de Freire (especialmente a partir dos anos 1980) no qual ele se dedica aos livros falados/dialogados com outros pensadores. Destacam-se pelo menos três principais: *Pedagogia: diálogo e conflito* (1985a), com Moacir Gadotti e Sérgio Guimarães; *Por uma pedagogia da pergunta* (1985b), com Antônio Faúndez; *Medo e Ousadia - O cotidiano do professor* (1987a), com Ira Shor. São vários livros dialógicos e com temáticas diferentes. *Essa escola chamada vida* (1986) com Frei Betto e *Na escola que fazemos* (1988), com Adriano Nogueira, entre outros.

Nos anos 1990, notamos um outro bloco de livros, **o quarto**. *Educação na cidade* (1990), um livro que é relativo ao trabalho na prefeitura de São Paulo. Outro livro relevante: *Política e educação* (1993). Ou ainda, *Pedagogia da Esperança - um reencontro com a pedagogia do oprimido* (1992). Esse livro é muito significativo e sua ênfase já está contida no próprio subtítulo: *um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Sem esquecer da importância político-pedagógica de *Pedagogia da Autonomia* (1996). Certamente Freire fez vários reencontros com a sua obra! Inclusive, não raro, modificou conceitos, agregou outros conceitos que não tinha colocado, como uma *espiral polifônica* – observada por Gadotti⁷.

O **quinto bloco** é constituído dos livros póstumos, organizados e publicados por Ana Maria Freire: *Pedagogia da tolerância* (2005); *Pedagogia da Solidariedade* (2014); *Pedagogia dos sonhos possíveis* (2014), entre outros.

Observemos as progressões entre os blocos de escritos de Freire, a seguir.

4. OBRA DE ENLACES, CRÍTICAS E RECONSTRUÇÕES

Dividimos a obra de Paulo Freire em blocos, para sermos didáticos, notando que ela é uma sequência entrelaçada. Reiteramos a ideia de que esse entrelaçamento sequencial (nunca linear!) dá a profundidade da sua obra original, além de demonstrar seu movimento permanente!

Em suma, entendemos que nosso autor só (e somente só) pode ser inteiramente compreendido quando possuímos uma visão do conjunto (entrelaçado e sequenciado) e da complexidade dos seus escritos. O próprio Freire nos alerta para isso, ao responder críticas a algumas partes da sua obra. Em *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido* (1992) ele coloca:

Algumas delas (as críticas), como lamentavelmente não raro ocorre, não levaram em consideração dois pontos fundamentais: (1) que eu não havia morrido; (2) que não tinha escrito apenas *Pedagogia do oprimido*, menos ainda, só a *Educação como prática da liberdade*. **Daí a impossibilidade de generalizar-se a todo um pensamento a crítica feita a um momento dele. Algumas delas válidas se centradas no texto a ou b, mas incorretas se estendidas à totalidade da minha obra.** (1992, p. 89, grifo nosso)

Seria muito mais cômodo para seus leitores e estudiosos se concentrarem numa obra ou uma pequena parte (ou um/dois livros) que pudessem defini-la ou resumi-la. Não é assim com Paulo Freire, muito pelo contrário! É um autor que cultiva inclusive a oralidade (geratriz da escrita), reconstrói conceitos e solicita uma visão ampla dos seus escritos que geraram uma obra polifônica - cujo fôlego perpassa seis décadas. Fundamental: pede que seu leitor tenha bases na filosofia, teologia, psicologia, na sociologia, na política e nos seus aspectos culturais, entre outros. Conforme Carlos Alberto Torres (1979):

⁷ No prefácio do nosso livro *A história das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas* (2019, 7ª edição, p.10), Gadotti escreveu: “Há certamente na obra de Paulo Freire um retorno e um desenvolvimento em espiral de uma grande polifonia de temas geradores orientados pela escolha de um ponto de vista emancipador da ciência, da cultura, da educação da comunicação etc.”

Quem pretender seguir o itinerário intelectual de Freire se defrontará com um conjunto de caminhos diversos, amalgamados numa estranha conexão. Deverá transitar por textos filosóficos, mais especificamente gnosiológicos ou, às vezes, epistemológicos. Deverá aprofundar-se em considerações teológicas (...), deverá indagar-se sobre sociologia do conhecimento (...), deverá considerar as implicações psicossociais do seu método. Deverá opinar sobre o projeto educativo-pedagógico que Freire postula sob o nome de ação cultural libertadora. Deverá, principalmente, em seus últimos escritos seguir o fio condutor de suas reflexões sobre a união dialética da liderança com as massas, os projetos de organização política do oprimido, vistos à luz da ciência política. (p.6)

Conhecendo a inserção vigorosa de Freire nos diversos contextos, é um engano pensar em linearidade, extrema coerência e ausência de contradições. São momentos diferentes e produções escritas, práticas e teorias diferentes. E aí está, a nosso sentir, a relevante originalidade de um pensamento-ação histórico e contextualizado por circunstâncias diferentes, construído com equipes diferentes, em momentos distintos. Obviamente complementares e intimamente ligados.

Sua obra é de continuidade, mas, de reconstrução e de reinvenção! Como ele próprio fez questão de dizer ao longo da sua trajetória. É, ao mesmo tempo, de reencontro em conceitos que são retrabalhados. Suas *bases influenciadoras e suas leituras de conexão*⁸ são diversificadas! E, obviamente, desaguam em escritas diferentes!

Paulo Freire nunca foi o mesmo! Sempre se renovou em função das suas circunstâncias e das suas práticas! Como ele gostava de advogar, a teoria só tem utilidade se iluminar e modificar a prática. E, quando suas práticas e os contextos delas mudaram, sua teoria também mudou! Essa é a própria definição da sua *práxis*!

Há, inclusive, autocríticas vigorosas! Observemos as seguintes. Primeiro em *Educação e mudança* (1979):

Em meus primeiros trabalhos, não fiz quase nenhuma referência ao caráter político da educação. Mais ainda, não me referi, tampouco, ao problema das classes sociais, nem à luta de classes (...). Esta dívida refere-se ao fato de não ter dito essas coisas e reconhecer, também, que só não o fiz porque estava ideologizado, era ingênuo como um pequeno-burguês intelectual. (1979, p.43)

Depois em *Pedagogia da esperança...* (1992).

Falar um pouco da linguagem, do gosto das metáforas, da marca machista, como que escrevi a *Pedagogia do oprimido* e antes dela, *Educação como prática da liberdade*, me parece não só importante, mas necessário. Começarei exatamente pela linguagem machista que marca todo o livro e de minha dívida a um sem-

8 Ver nosso *Bases and Connections of Paulo Freire's "Thought in Action"*, em *The Wiley Handbook of Paulo Freire* (org. C.A.Torres, 2019). onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1002/9781119236788.ch18.

número de mulheres. (...) “Ora, quando falo homem, a mulher necessariamente está incluída”. Em certo momento das minhas justificativas, puramente ideológicas, de justificar a mim mesmo, a linguagem machista que usava, percebi a mentira ou a ocultação da verdade que havia na afirmação: “quando falo homem a mulher está incluída”. (1992, p.67)

Nos anos 1990, mais uma vez em *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*, situa-se no “pós-modernismo progressista”. Assumindo, também, as suas incertezas, Freire declara:

O que se faz necessário é que, entre outras coisas, se supere a certeza demasiada nas certezas com que muitos marxistas se afirmavam modernos e, assumindo a humildade em face das classes populares, nos tornemos pós-modernamente menos certos das certezas. Progressivamente pós-modernos. (1992, p.97)

Freire notou, como muitos notaram, que diversas práticas e ideias produzidas pela *modernidade* fracassaram. Desde um capitalismo exacerbado até a ideia da destruição ambiental, ou ainda o socialismo real derrotado pelo seu extremo autoritarismo. Isso precisava ser revisto, criticado e necessitava de novas propostas. As ideias que produziram a modernidade industrial, masculina, destruidora, racista... precisavam ser revistas. Inclusive autocriticando-se! E ele faz isso com muita coragem. Temos a impressão que se ele tivesse uma longevidade maior, essas ideias seriam ainda melhor assentadas nessa *transição⁹ entre seus aportes modernos e pós-modernos*. O terceiro e o quarto blocos de escritos, quando estudados em conjunto, mostram essa transição!

Na última parte da sua vida, Brasil (anos 1980/1990), a ascensão dos novos movimentos sociais impacta sua obra, em conjunto com o nascimento do Partido dos Trabalhadores (para qual faz uma proposta educacional junto com outros pensadores, *Documento interno do PT, S/d*). A percepção de que a história não se move, apenas, pela luta de classes - mas tem outros componentes de mudanças -, impacta as ideias de Freire. Comparando os respaldos teóricos, por exemplo, exibidos nos anos 1960, predominantemente “classistas”, a partir de *Pedagogia do oprimido*, com os dos anos 1990, tornam-se nítidas as mudanças: sem abandonar a questão das lutas de classes, mostra outros componentes que vão dos novos movimentos sociais às questões ambientais, passando pelo protagonismo das mulheres na sociedade civil organizada, entre outros paradigmas. São novas temáticas ou novas apropriações de temas anteriores, mas com novos aportes (no que caracterizamos antes como *quarto bloco* dos seus escritos) contextualizados pela crise de paradigmas das últimas décadas do século XX.

9 Ver nosso artigo “Paulo Freire e a conscientização na transição pós-moderna” na Revista Educação, Sociedade & Culturas No. 23 (2005). <https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC23/23-Afonso.pdf>

Assim, Freire seguiu reformulando ideias, trazendo conceitos diferentes, reconstruindo conceitos anteriores. Um exemplo tácito: a *conscientização* que tinha sido da “realidade nacional”, da passagem da ingenuidade à criticidade, da consciência de classe, delineia-se como *consciência das múltiplas subjetividades presentes nas práticas educativas*. Outro exemplo: a visão romântica sobre o “diálogo” notada por Gadotti em *Pedagogia: diálogo e conflito* (já citado) é reposicionada: o diálogo seria uma arma dos oprimidos para se organizarem contra seus opressores, refaz Freire. Ou ainda: as críticas recebidas sobre sua linguagem machista, para além da sua conhecida autocrítica (citada acima), é respondida, por exemplo, com a inclusão das mulheres na sua constante saudação no início de uma palestra ou outra atividade: “bom dia a todas e a todos”.

De outro prisma, ideias dos anos 1990 (só esboçadas por Freire) foram continuadas por outros pensadores: “ecopedagogia, cidadania planetária, pedagogia feminista...”, são algumas. No fundo são continuidades que mostram a *atualidade e a relevância do seu legado*, para além dos trabalhos de muitos pesquisadores para compreendê-lo e reinventá-lo. Tal legado é renovado por práticas e por reflexões em torno das suas propostas, que muitas vezes transcendem as suas ideias e vão para temáticas (repito) que ele não trabalhou especificamente, mas, que são aprofundadas a partir da sua inspiração. Sem contar com as possibilidades de conexões dos seus achados com outros pensadores como Piaget, Freinet, Morin, Boaventura Santos, Fals Borda, Ubiratan D’Ambrósio, entre tantos, já desenvolvidos em pesquisas, dissertações e teses (ver, entre outras fontes, o banco de dados da CAPES/MEC e os resumos publicizados pelos Programas de Pós-Graduação em Educação).

Importante ressaltar sua *atualidade*. Pensá-lo como alguém superado ou só do passado é um equívoco porque Freire construiu um pensamento atual e prospectivo. Não se trata de um autor que ficou estagnado no século XX (no qual erigiu sua história), mas, de um pensador que também prospectou a educação do Século XXI.

Vejamos um bom exemplo: quando a UNESCO reuniu especialistas em educação de todo o mundo para analisar a educação do Século XX e prospectá-la para o XXI, as sínteses do chamado Relatório Delors (2000) consagraram um tema central para o novo século: “educação e aprendizagem ao longo de toda a vida”. Ora, Paulo Freire defende (desde os anos 1940) os direitos das pessoas aprenderem ao longo de toda sua vida. Por isso focou grande parte da sua obra na questão da educação de jovens e adultos, não só das crianças. Por outro lado, o Relatório citado destaca os “pilares da educação”: aprender a aprender, a fazer, a viver juntos e aprender a ser. De novo: Freire sempre atentou para o “aprender a conhecer” como central, tomando a “prática educativa como ação cultural” e caracterizando o que chamou de “ciclo gnosiológico”. Aprender na prática, no “quefazer”, inclusive tomando o trabalho como princípio educativo. Por seu turno, só conseguimos “aprender a viver juntos” com o diálogo, a solidariedade, a amorosidade, e com consciência crítica. E “aprender a ser” mais? Para ele “aprender a ser mais” está fundamentado no conceito de “hominização” que usa desde o início dos seus escritos.

Evidente que quando os especialistas em educação de todo o mundo reunidos pela UNESCO delineiam essa temática como central para o século XXI mostram a relevância e a atualidade ideias de Paulo Freire! E acrescentaríamos: se fosse o

próprio Freire a formular essas ideias sobre aprendizagem e educação ao longo da vida não faltaria a conexão íntima com as questões sociais, políticas, econômicas e culturais. Ele não separou educação de política-teologia-psicologia-sociedade-economia-cultura. Sabemos que tal inseparabilidade constitui o caudaloso eixo central que move a sua obra e sua *trajetória de cientista da educação* e que incentiva a reinvenção do seu legado.

PAULO FREIRE, CIENTISTA DA EDUCAÇÃO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paulo Freire deve ser entendido como educador (por isso pesquisador¹⁰, segundo o próprio) e como cientista da educação que se declarou sempre inacabado, necessitado de repensar permanentemente os seus achados, pois as práticas concretas mudam e as teorias sobre elas precisam mudar. No livro dialógico realizado com Myles Horton, *O caminho se faz caminhando – conversas sobre educação e mudança social* (2003b), Freire diz:

O conhecimento está sempre se transformando. Isto é, o ato de saber tem historicidade, então o conhecimento de hoje sobre alguma coisa não é necessariamente o mesmo amanhã. O conhecimento transforma-se à medida que a realidade também se movimenta e se transforma. Então a teoria também faz o mesmo. Não é algo estável, imobilizado. (p.114, grifos nossos)

Como é que a ciência avança? Através de conhecimentos, conceitos e paradigmas que são reformuladas e aprimorados, melhorados por serem incompletos e que às vezes são superados ou refutados. Ora, foi precisamente isso que Freire fez ao longo das décadas da sua produção intelectual!

Pensou a prática educativa/pedagógica e sua progressão, reviu conceitos e descobriu outros aportes, inventou outros conceitos (e quis ser reinventado) e novas práticas. Pensou na criatividade e no currículo em todos os seus sentidos. Nunca viu a pedagogia como coisa estática, parada, mas como empiria que se altera. Precisamente o trabalho de um cientista, seja ele da biologia, da matemática, da física, da sociologia, da antropologia ou de qualquer área do conhecimento. Como um pensador que “não morreu” nos anos 1960/70, progrediu nas décadas seguintes e projetou seu legado para a educação do Século XXI - como bem o demonstram, entre outros, especialistas da UNESCO que se inspiraram em suas teses (antes citados).

Paulo Freire precisa ser (re)visto como um cientista que teve na *pesquisa-pergunta-problema* e, portanto, na *incerteza*, intrínseca à ciência, seu vetor de propulsão da curiosidade e da leitura do mundo. “Quanto mais certo estou das minhas certezas, mais desconfio delas”, gostava de repetir nas suas palestras

10 Ver o capítulo “Paulo Freire e a pedagogia da pesquisa” do nosso livro *A teoria só tem utilidade se melhorar a prática educativa: as propostas de Paulo Freire*. (2013, p. 127-141)

mundo afora. Seus estudiosos sabem que a questão da pesquisa sempre esteve presente na sua obra: desde o começo (com a “pesquisa do universo vocabular”, componente do chamado Método Paulo Freire) até a defesa permanente do “educador-pesquisador” presente em *Pedagogia da autonomia* (de 1996), último livro em vida. Sem esquecer que Freire nunca absolutizou a racionalidade e o conhecimento científico em detrimento do conhecimento popular e do seu senso comum. Ao contrário, diferenciou-os, mas, como não-antagônicos e, muito menos, superiores ou inferiores entre si.

Por isso mesmo, para além dos que o idolatram ou o detratam - e, geralmente, não o leram ou o fizeram de maneira rápida ou por “ouvir dizer” -, Paulo Freire deve ser estudado e compreendido como um dos mais importantes propositores, pensadores e pesquisadores das Ciências da Educação.

Para finalizar, apostando na *pedagogia da pergunta*, podemos enunciar várias questões que permanecem atuais e prospectivas. Como o *diálogo* impacta a aprendizagem? Como *os jovens e adultos aprendem* ao longo da vida? Como as camadas *populares constroem sua educação* e aprendem? Como se *problematiza* a realidade para aprender a modificá-la? Porque usar *métodos ativos* e não passivos de ensino-aprendizagem? Por que defender/praticar a *pedagogia da pergunta* e, não, da resposta? Por que *círculos de culturas* em vez de estruturas expositivas e verticais de aprendizagem? Como usar a *comunicação* na educação? Por que a educação é uma *ação cultural*? Como fazer o *trabalho* se tornar, na prática, um *princípio educativo*? *Quem educa o(a) educador(a)*? Por que concordar com Gramsci quando ele afirma que a *hegemonia* é essencialmente pedagógica? Por que absorver de Amílcar Cabral a ideia de que a *luta pela vida* (cotidiana e/ou litigiosa) é contexto de aprendizagem rápida e qualificada? Por que *o personal e o existencial* são fontes da educabilidade e, também, da política? *A favor de quem e contra quem* exercemos nossas práticas de educadores e educadoras? Por quê? Como? Com quais *metodologias ativas*?

Podemos investigar/perguntar/pesquisar ainda: *como reinventar a educação* com pedagogias alicerçadas no oprimido, na ação cultural, na liberdade, no diálogo, no trabalho educativo e na autonomia? E, também, na solidariedade, na consciência crítica, na denúncia e no anúncio, no aprendizado da democracia, na esperança e na história como possibilidade do novo?

Aos 100 anos, embora ausente, Paulo Freire continua muito vivo por sua *práxis* histórica e pela continuidade do seu legado político-pedagógico. Presente e atual porque suas dúvidas, *insights*, intuições, suas comprovações, teses, hipóteses, suas desconfianças, incertezas e suas propostas continuam vigorosamente válidas. Não por outro motivo incomoda tanto os governos autoritários saudosos da ditadura e, ao mesmo tempo, galvaniza a atenção de novas gerações de estudiosos/as, pesquisadores/as e educadores/as.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos (org.). *A questão política da educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- FREIRE, Paulo et alii. *Revista Estudos Universitários IV*. Recife: Universidade do Recife, 1963.
- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização*. São Paulo: Moraes, 1980a.
- FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau - Registros de uma experiência em processo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980b.
- FREIRE, Paulo et alii. *Vivendo e aprendendo*. São Paulo: Brasiliense, 1980c.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez/Ass., 1982a.
- FREIRE, Paulo et alii. *Sobre Educação - Vol. I e Vol. II*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982b e 1984d.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984a.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984b.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984c.
- FREIRE, Paulo et alii. *Pedagogia: diálogo e conflito*. São Paulo: Cortez/Ass., 1985a.
- FREIRE, Paulo et alii. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985b.
- FREIRE, Paulo et alii. *Essa escola chamada vida*. São Paulo: Ática, 1986.
- FREIRE, Paulo et alii. *Medo e ousadia - o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987a.
- FREIRE, Paulo et alii. *Aprendendo com a própria história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987b.
- FREIRE, Paulo et alii. *Na escola que fazemos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.
- FREIRE, Paulo. *Educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Cortez, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 1993.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Cortez, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Educação e atualidade brasileira*. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo et alii. *A África ensinando a gente. Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003a.
- FREIRE, Paulo et alii. *O caminho se faz caminhando – conversas sobre educação e mudança social*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003b.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da tolerância*. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Solidariedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo et alii. *Documento interno (Nº. 4 - Sobre educação) do Partido dos Trabalhadores (PT)*. São Paulo: Mimeo., S/d.

GADOTTI, Moacir (org.). *Paulo Freire: uma bibliografia*. São Paulo: Cortez/IPF, 1996.

INAF – *Índice Nacional de Alfabetismo Funcional*. www.acaoeducativa.org, 2015.

MARX, Karl. *Obras escolhidas (vol. I, II e III)*. São Paulo: Alfa-Omega, S/d.

MORAIS, Clodomir S. *Cenário da libertação – Paulo Freire na prisão, no exílio e na universidade*. Porto Velho: Edufro, 2009.

MORIN, Edgar. *O método. As ideias*. Porto Alegre: Sulina, 1998.

PITANO, Sandro de C. et alii (org.). *Paulo Freire – uma arqueologia bibliográfica*. Curitiba: Appris, 2019.

ROSSI, Wagner. *Pedagogia do trabalho – caminhos da educação socialista*. São Paulo: Moraes, 1982.

SCOCUGLIA, Afonso C. *Histórias inéditas da educação popular*. São Paulo: Cortez Editora/Instituto Paulo Freire, 2001.

SCOCUGLIA, Afonso C. Paulo Freire e a conscientização na transição pós-moderna, IN: *Revista Educação, Sociedade & Culturas No. 23*. Porto (Portugal): CIIE/Edições Afrontamento, 2005. <https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC23/23-Afonso.pdf>

SCOCUGLIA, Afonso C. *A teoria só tem utilidade se melhor a prática educativa: as propostas de Paulo Freire*. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2013.

SCOCUGLIA, Afonso C. *A história das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2019. (E-book, acrescido de 30 vídeos). Ver em <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/view/138/56/548-1>

SCOCUGLIA, Afonso C. Bases and Connections of Paulo Freire's "Thought in Action", IN: Torres. Carlos A. *The Wiley Handbook of Paulo Freire*. New York (USA): Wiley, 2019. Ver em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1002/9781119236788.ch18>

SCOCUGLIA, Afonso C. Pedagogia do oprimido: um ícone aos 50 anos, IN: *Revista Educação, Sociedade & Culturas No. 56*. Porto (Portugal): CIIE/Edições Afrontamento, 2020. Ver em <https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/Afonso%20Scocuglia.pdf>

STRECK, Danilo et alii (org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

TORRES, Carlos (org.). *Leitura crítica de Paulo Freire*. São Paulo: Loyola, 1979.

TORRES, Carlos (org.). *The Wiley Handbook of Paulo Freire*. New York (USA): Wiley, 2019.

UNESCO (Relatório Delors). *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

Afonso Celso Scocuglia é mestre em Educação de Adultos (UFPB, 1988) e Doutorado em História (UFPE, 1997). Pós-doutorado em Ciências da Educação (Université de Lyon, França, 2009). Pós-doutorado em História e Filosofia da Educação (Unicamp, 2010). Produtor e apresentador do Programa Paulo Freire Vivo (TVUFPB, IPF.TV, YouTube). Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba. Contato: acscocuglia@gmail.com